

4 O desconcerto do masculino

4.1 Masculinidades

Em função da emergência da mulher enquanto sujeito social, histórico e econômico no final do século XX, surge a necessidade de também repensar o que é ser homem nessa nova configuração, sobretudo no Ocidente. Nesse sentido, diversas pesquisas, principalmente no campo das Ciências Sociais e Humanas, têm focalizado a questão das masculinidades num desejo de equilibrar a ênfase dada, a partir dos anos 60, aos estudos ligados ao feminino.

Antes de justificar o uso de plural para masculinidade, é importante entender esse conceito, sobretudo em relação à masculinidade hegemônica. Ao investigar a identidade masculina, a filósofa francesa Elisabeth Badinter, no livro *XY: sobre a identidade masculina* de 1992, lança uma pergunta importante: “A masculinidade é um dado biológico ou uma construção ideológica?” (BADINTER, 1993, p. 23)

Em 1949, Simone de Beauvoir lançou a idéia de que não se nasce mulher, mas torna-se mulher. Essa proposição se aplica perfeitamente ao homem, na medida que ambos os sexos estão inseridos nos mesmos contextos sociais. Entende-se, assim, que homens e mulheres são indivíduos construídos histórica e socialmente.

Conforme ressaltou Badinter (1993), não é a simples posse do cromossomo Y¹² ou dos órgãos sexuais masculinos que determina se um indivíduo é homem. Nascer macho ou fêmea é uma questão de contingência, a qual hoje em dia pode até ser mudada graças às novas tecnologias médicas, que permitem subverter o “natural” desses corpos.

É possível, portanto, resgatar a pergunta de Badinter para frisar que a construção social da masculinidade, assim como da feminilidade, integram a categoria de gênero. Essa

¹² O cromossomo Y é um dos cromossomos responsáveis pela determinação do sexo no homem. Assim, em cada conjunto dos 23 pares de cromossomos, os seres humanos possuem um par de cromossomos responsáveis pelo sexo. Os homens possuem um cromossomo X e um cromossomo Y, enquanto as mulheres possuem dois cromossomos X. O cromossomo Y é o menor dos cromossomos humanos e somente é passado pelos pais aos filhos homens.

constatação, entretanto, não é suficiente para justificar o crescimento do interesse pelo campo de estudos da masculinidade.

Para compreender melhor esse processo, cabe observar a construção e a funcionalidade da masculinidade hegemônica. Essa noção representa um modelo cultural tomado como ideal para uma sociedade em determinada época. Por causa do caráter modelar, esse ideal não é atingido por praticamente nenhum homem, pelo menos em sua plenitude. Por conseguinte, a eterna busca para alcançar a masculinidade tida como hegemônica revela-se opressora, em certa medida.

De fato, a masculinidade hegemônica é balizadora das identidades individuais e dos comportamentos dos homens, num dado contexto histórico e social. Segundo o autor do conceito, o sociólogo australiano R. W. Connell (apud ALMEIDA, 2001),

A masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo — o mesmo sempre e em todas as partes. É, muito mais, a masculinidade que ocupa a posição de hegemonia num modelo dado de relações de gênero, uma posição sempre discutível. (p. 24, tradução de ALMEIDA e grifo do autor)

Assim, enquanto entidade coletiva abstrata, a masculinidade hegemônica, como atesta o adjetivo, é aquela que prepondera sobre as múltiplas formas de ser masculino. Não se configura, portanto, como uma categoria estática; pelo contrário é de natureza mutável em função do contexto social. Justifica-se, então, o uso de plural em masculinidade porque a contemporaneidade, bem como o próprio conceito de gênero constata a existência das múltiplas identidades dos sujeitos.

Observando a história da humanidade, percebe-se que, nas sociedades patriarcais, se sobrepôs uma construção de masculinidade baseada na capacidade produtiva do homem. Caberia a ele o importante papel de provedor material e financeiro de seus dependentes. Dessa forma, ser homem no patriarcalismo exige um conjunto de posicionamentos socialmente esperados como, por exemplo, assumir papel ativo nas relações sexuais, possuir força física, proteger sua família, negar emoções etc.

É como se houvesse uma espécie de “manual do macho”, responsável por sistematizar os princípios básicos para provar constantemente a masculinidade. A esse respeito, Badinter (1993) afirma que, para serem machos, os representantes do sexo masculino entendem o que não devem ser, antes mesmo de aprenderem o que podem ser, assim “ser homem se diz mais no imperativo que no indicativo” (p. 3). Com base nesses pressupostos, parece que a feminilidade é natural e, por isso, inquestionável, enquanto a masculinidade precisa ser conquistada com esforço.

Dessa forma, para provar que é homem, o indivíduo precisa se afastar de tudo que socialmente se liga ao feminino, num processo de diferenciação. Propõe Badinter (1993) que a masculinidade se constitui por uma necessária separação dos meninos em relação à mãe, representante do universo feminino. Nessa linha, a autora se reporta a vários rituais de separação do mundo feminino e iniciação no mundo masculino. Em suma, o objetivo desses ritos é mudar o estado de identidade primitiva do menino, ligado à mãe, para que ele renasça homem, construindo uma identidade secundária.

Ao tratar dos ritos de iniciação, Badinter (1993, p. 71-76) e Nolasco (2001, p. 99) destacam três etapas por que os meninos precisam passar, a fim de efetivar a verdadeira inversão do primitivo estado de fêmea. São elas:

- 1) separação da mãe e do mundo feminino;
- 2) transferência para um mundo desconhecido;
- 3) passagem por provas dramáticas e públicas.

Essas etapas aparecem registradas simbolicamente em vários contos tradicionais e de fadas, principalmente quando tratam do príncipe encantado. Como registra Coelho (2000), “as personagens desses contos de fadas, contos exemplares, parábolas, etc., nada mais são do que símbolos ou alegorias da grande aventura humana, que cada qual vive a seu modo, ou de acordo com as circunstâncias” (p. 116).

Na maioria dessas histórias, quem abandona o lar e empreende uma viagem de aventuras e amadurecimento é um representante do sexo masculino. A fim de merecer o prêmio maior a ser conquistado — a mulher, o herói enfrenta perigos e provas de grande dificuldade. Esse quadro reflete uma reduplicação dos papéis de atividade e passividade gendrados pela tradição que se relacionam, respectivamente, a homens e mulheres.

No processo de obsessão por anular qualquer traço do que se entende socialmente como feminino, configuram-se as constantes provas de virilidade. A submissão masculina a essas exigências põe em xeque a idéia de que virilidade seja sinônimo de masculinidade¹³. Algumas expressões populares concretizadas no discurso baseado no senso comum reforçam a distinção entre masculinidade e virilidade: “homem com ‘h’ maiúsculo”, “ele é muito mais homem que aquele outro”, além de “mulher homem” ou “mulher macho”. Portanto, a ligação entre masculinidade e virilidade é, antes de tudo, uma questão cultural.

Essa obrigação de atestar virilidade, de forma indireta, é uma manifestação da violência simbólica de que trata Bourdieu em *A dominação masculina* (2005). Na opinião do sociólogo, “ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão” (p. 63, grifos do autor). Assim, a aparente situação confortável de dominador mostra-se também como uma cilada para o homem que se vê compelido a um estado de tensão por estar em constante processo de testagem.

Na terceira etapa do rito de iniciação masculino, as provas, muitas vezes, são cruéis e podem se constituir num confronto aberto em que a morte seja uma iminência. Esse enfrentamento com a morte pode ser entendido simbolicamente como o final do estágio da infância e o ingresso no mundo dos homens. São muitas as histórias tradicionais em que aparecem duelos, dragões ou gigantes a serem enfrentados.

¹³ Registra o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 1999) logo na primeira acepção do termo virilidade: “qualidade de viril, masculinidade” (s. p.).

Com as mudanças nos paradigmas sociais e o questionamento da masculinidade hegemônica, essas provas de virilidade estão perdendo a função. Por conta disso, a força física e a honra estão sendo substituídas, paulatinamente, por outros valores como sucesso, dinheiro e status.

Como um forte movimento de resistência a essas transformações, Badinter (1993) indica uma valorização da mídia em relação ao que ela chama de “supermacho”: homem de Malboro, caubói, Rambo e Exterminador. Um desses ícones, sobretudo para os valores culturais dos Estados Unidos, foi colocado em xeque, recentemente, através do filme “O segredo de Brokeback Mountain” (2005)¹⁴, do diretor Ang Lee. Além de bater recordes de público, o longametrage, que trata do envolvimento sexual e amoroso de dois caubóis, foi indicado em oito categorias para concorrer ao Oscar-2006. Alguns críticos de cinema, logo após a divulgação dos ganhadores, atribuíram a não premiação do longa nas categorias de melhor filme e melhor ator (principal e coadjuvante) ao preconceito dos conservadores jurados da competição. Polêmicas à parte, a repercussão que o filme teve em nível mundial indica que a própria mídia já reflete mudanças quanto ao reinado dos supermachos.

O campo de pesquisa voltado para as masculinidades vem-se firmando nas últimas décadas, conforme destaca a socióloga Marlise M de M. Almeida, no artigo “Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar”: “Os estudos socioantropológicos centrados no tema das masculinidades são relativamente recentes. [...] esses estudos devem ser remontados às décadas de 1970 e 1980.” (ALMEIDA, 2001, p. 21). Com base nesse ponto de vista, nota-se a necessidade de serem implementadas mais investigações quanto às masculinidades, uma vez que as mudanças empreendidas pela contemporaneidade afetam ambos os sexos.

¹⁴ Apesar de o filme ter sido lançado em 2005, a história de Annie Proulx, que serviu de base para o roteiro cinematográfico, foi originalmente publicada na revista *The New Yorker*, em 13 de outubro de 1997.

Nesse artigo, a socióloga destaca três dimensões presentes nas masculinidades que foram sistematizadas por Connell, com relevante papel para os chamados *men's studies*, a saber:

- 1) *as relações de poder*: cujo eixo primordial é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens — o poder patriarcal (historicamente em colapso com relação à legitimidade);
- 2) *as relações de produção* no mundo do trabalho: também claramente assimétricas no que se refere à dimensão de gênero (desafiadas pelo emprego feminino em massa e a maior incorporação da mão-de-obra feminina na economia monetária dos países, sobretudo os pobres);
- 3) *as relações emocionais* ou cathexis: sobretudo desejo sexual e diferentes práticas o atualizam (desafiadas pela tentativa de estabilização das identidades lésbicas e *gays*, como alternativa pública à heterossexualidade). (ALMEIDA, 2001, p. 23-24, grifos da autora).

Essas três dimensões estão sendo repensadas diante das intensas transformações do mundo contemporâneo, o que integra um quadro maior de crise de identidade, tanto para homens quanto para mulheres. Vários autores estudam a relação entre identidade e pós-modernidade, dentre eles destaca-se a posição de Stuart Hall (2005).

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p. 7)

A crise de identidade, que atinge homens e mulheres na pós-modernidade, é apontada por esse estudioso como consequência da desestabilização do mundo social, principalmente em seu núcleo mais importante: a família. As antigas identidades de que se compunha esse mundo social estão desgastadas e em processo de declínio, daí a necessidade de mudanças. Diante dessas transformações, os indivíduos são afetados diretamente, como enfatiza Hall (2005):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (p. 9)

Nessa linha, o modo como as sociedades concebem o papel do homem e da mulher também está sofrendo alterações. Diante da ausência de papéis previamente definidos para cada um dos sexos, ambos estão em meio a uma crise pela necessidade de ajustes, readaptações. No que tange às masculinidades, Badinter (1993) aponta que, no final do século XX e no início do XXI, coexistam três tipos de homem: duro, mole e reconciliado.

O homem duro — “de peito peludo, centrado no poder e na objetividade” (BADINTER, 1993, p. 132) — luta para reprimir a feminilidade, é o conhecido machão. Esse modelo, intimamente ligado à agressividade, foi adotado como masculinidade hegemônica nas sociedades de base patriarcal.

Opondo-se ao modelo anterior, o homem mole ou “homem-pano-de-prato” procura identificar-se com valores femininos. Conforme frisa a autora, esse tipo de masculinidade aparece, principalmente, nos países em que o homem duro mais maltratava as mulheres. Assim, “o homem duro, de feminidade reprimida, cedeu lugar ao homem mole, de masculinidade ignorada”¹⁵ (BADINTER, 1993, p. 147).

Num resgate do mito do andrógino (anér-andrós = homem + gyné-gynaicos = mulher), o terceiro tipo de homem é mais que uma síntese dos dois precedentes. Também designado por homem amável, o homem reconciliado não precisa esconder a suavidade para ser macho, nem abrir mão da força. Esse homem mantém a virilidade e não tem problemas para exercer funções consideradas tradicionalmente como femininas.

Segundo registra Badinter (1993), essa última categoria de homem “só pode nascer de uma grande revolução paternal” (p. 165). Os reflexos das mudanças no paradigma familiar

¹⁵ A tradução adotada neste trabalho para o livro de Elisabeth Badinter emprega o termo “feminidade” em oposição à masculinidade. Percebe-se na literatura que trata das questões de gênero o emprego do termo feminidade como equivalente à feminilidade, embora haja sutil distinção como registra FERREIRA (1999): “Feminidade: qualidade, caráter ou propriedade de ser fêmeo” e “Feminilidade: qualidade, caráter, modo de ser, pensar ou viver próprio da mulher”. Entender-se-á, neste estudo, a equivalência entre os termos, mantendo “feminidade” apenas nas citações.

pós-patriarcalismo começam a se fazer sentir aos poucos e reaproximam a figura paterna da criação dos filhos.

Em várias ações podem ser percebidas essas mudanças, como ocorre no conhecido projeto “Mamãe canguru”, cujo objetivo é auxiliar na recuperação de bebês prematuros. Para tanto, é incentivado o contato corporal constante entre a mãe e seu filho, à semelhança do que fazem os cangurus. Essa ação, recentemente, ganhou um desdobramento chamado de “Papai canguru”. O contato do corpo do bebê com a mãe e também com o pai, além dos benefícios terapêuticos, tem fortalecido os vínculos familiares e trazido reconhecidos benefícios. Em função dos resultados, algumas grandes empresas, em caso de nascimento prematuro, têm aumentado o tempo de licença paternidade para estimular a participação no projeto.

Nesse contexto de mudanças, observa-se como são as práticas e as relações sociais que constroem os padrões do que seja masculinidade e feminilidade, reforçando ou não as questões de gênero. Ainda que já ocorram modificações no cenário social, a idéia de dominação masculina no Ocidente ainda é perceptível, principalmente em sociedades de forte base patriarcal.

Os indivíduos se tornam homens ou mulheres por mecanismos de controle e repetição num processo construído histórica e culturalmente. Se há dominação, é porque, antes de tudo, há estruturas de poder que sustentam essa dominação. Para Bourdieu (2005), a dominação masculina não necessita de justificação, já que a visão dominante está ramificada na sociedade, seja nos discursos dos indivíduos ou em textos ligados à formação cultural como provérbios, livros, jornais etc. Segundo o sociólogo, a dominação masculina comporta uma dimensão simbólica, em que o dominador (homem) deve conseguir obter o controle sobre um ou mais dominados (mulher). Assim, a estruturação da sociedade reflete essa posição diferenciada entre os sexos, como retratam as palavras de Bourdieu (2005):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (p. 18)

Desde a infância, nas relações familiares de base patriarcal, a menina é mais induzida a cuidar e proteger o outro. Conforme já se observou no capítulo precedente, a preparação para o “destino de mulher” revela-se até na escolha familiar em relação aos brinquedos infantis. Ambientado nesse seio familiar, o afastamento abrupto dos meninos do “mundo feminino” impõe auto-controle e autonomia aos representantes do “sexo forte”. Frente às mudanças sociais contemporâneas, essa construção simbólica da dominação masculina perde a funcionalidade e começa a ser repensada.

Sendo assim, o que se quer explorar neste capítulo é como Ana Maria Machado, através de suas histórias, problematiza os papéis masculinos tradicionais numa perspectiva relacional com o feminino. Em meio aos textos, a autora constrói retratos de personagens de ambos os sexos em busca de sua nova identidade no mundo contemporâneo. Cumpre destacar a relevância dessa perspectiva à medida que tais narrativas desempenham papel importante na construção dos valores sociais e, como consequência, das identidades junto ao público infantil.

Vários artigos e pesquisas acadêmicas já se debruçaram analiticamente sobre questões ligadas ao feminino marcadas nos livros de Ana Maria Machado, sejam eles escritos para crianças ou não. Nessa linha, destacam-se “Ana Maria Machado: as relações autênticas” (XAVIER, 1998 – capítulo de livro), “A representação da mulher na literatura para crianças e jovens: um estudo de obras de Júlia Lopes de Almeida, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti” (LE-ROY, 2003 – dissertação de mestrado), “Imagens do

feminino em Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes” (RIBEIRO, 2002 – artigo), “Literatura infantil e gênero: uma história meio ao contrário” (ZINANI, 2004 – artigo), “Novos finais felizes: a mulher e o casamento em Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Sylvia Orthof” (VILLAÇA, 2004 – dissertação de mestrado), “Personagens negras na literatura infantil e juvenil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo” (FRANÇA, 2006 – dissertação de mestrado).

Sendo assim, é consenso que tratar das mudanças de paradigma nos papéis sociais femininos é uma das marcas estilísticas de Ana Maria Machado. Considerando o aspecto relacional envolvido nas questões de gênero e nos papéis sociais, muitos dos livros da autora também enfocam problemas ligados ao masculino. Então, antes de aprofundar a análise dos dois livros selecionados para este capítulo, serão feitas algumas considerações acerca de outros títulos da autora que enfocam questões ligadas ao masculino.

Neste trabalho já foram referenciadas, na análise de *Bisa Bia, bisa Bel* (MACHADO, 1985), situações em que Sérgio se espanta diante de posicionamentos não tradicionais de Isabel. No último capítulo dessa mesma obra, insere-se a personagem Vitor, recém-chegado ao Brasil, que apresenta comportamentos diferentes dos padrões nacionais para indivíduos masculinos. Num episódio em sala de aula, o menino se emociona com o relato da professora de História sobre escravidão e chora. Diante dessa atitude, Isabel acha diferente e pensa: “Ainda bem que Dona Sônia não esperou minha resposta nem reparou no choro do Vitor (que menino mais esquisito... será que ele nunca ouviu falar que homem não chora?)” (p. 53). Na conversa que Isabel mantém com uma colega de turma, pode-se perceber novamente a surpresa da protagonista quanto aos hábitos de Vitor e sua irmã gêmea, Maria:

— A mãe e o pai trabalham fora, e os gêmeos preparam o almoço deles sozinhos, fazem a cama, tudo isso...

— A gêmea, você deve estar querendo dizer... Como é que ela se chama?

— Maria, e ele é Vitor. Mas são os dois mesmo que fazem. O Vitor sabe cozinhar, Bel. E Maria sabe consertar tomada. Aliás, ela sabe consertar um monte de coisas. Outro dia até trocou a corrente da bicicleta do Fernando, se

eu não visse não acreditava. Todo mundo está adorando os dois, são uns amigões... (MACHADO, 1985, p. 50)

A fala da colega de Isabel revela a inversão de papéis tidos tradicionalmente como masculinos ou femininos. No romance *A audácia dessa mulher* de 1999, Ana Maria Machado também propõe uma “inversão” de papéis entre as personagens Bia e Virgílio. A profissão que cada uma dessas personagens exerce contraria o que a sociedade de base patriarcal definiu como espaço feminino e masculino. Virgílio é dono de restaurante e cozinheiro, ainda que com status diferenciado de uma cozinheira, conforme apontou Bourdieu (2005, p. 75) ao tratar de profissões e vocação masculinas e femininas. Bia é escritora e trabalha como redatora de um caderno de viagens, profissão que implica estar sempre em trânsito. Por conta dessa atividade, a protagonista está ausente do “lar”, o que dificulta a manutenção de um casamento e uma família tradicionais. A partir do comentário de um homem, a personagem Muniz, verifica-se a percepção das mudanças no comportamento das pessoas:

— Um homem que adora ficar na cozinha e uma mulher que gosta de viajar sozinha... Não é só uma rima. É, isso sim, um sinal dos tempos. Papéis trocados. Duas idéias impensáveis no século XIX. Uma contribuição de nosso século pra a história da humanidade. (MACHADO, 2003a, p. 17)

Já em *Bem do seu tamanho* de 1980, apesar de a temática principal não se centrar na masculinidade, a protagonista Helena discute com o próprio pai sobre a divisão das tarefas domésticas. A passagem que trata do assunto ocupa boa parte do primeiro capítulo do livro e ocorre antes mesmo de Helena empreender sua viagem de amadurecimento.

A discussão entre pai e filha ocorre no momento em que estão acontecendo os preparativos para a viagem da menina que envolvem, basicamente, duas ações: passar um vestido e arrumar uma merenda. A mãe quer compartilhar as tarefas domésticas com a filha e, para isso, indica que a menina passe o vestido enquanto ela prepara o lanche. O pai intervém na questão por julgar ser a menina ainda muito pequena para lidar com ferro e, a partir desse impasse, surgem os questionamentos de Helena.

— Mas, pai, você não acha que mamãe vai ficar muito cansada? Já trabalhou o dia inteiro, ainda vai fazer um bolo, e no fim ainda precisa passar um vestido.

— Não posso fazer nada. Isso é serviço de mulher. [...]

— Estou falando com meu Boi de Mamão. Estou explicando a ele que serviço de homem dentro de casa é ficar sem fazer nada enquanto a mulher faz tudo. E estou explicando a ele que é porque homem é forte. [...]

O pai resolveu explicar:

— É que homem sai de casa, trabalha o dia todo, fica cansado, traz as coisas para dentro de casa, comida, roupa.

— Mulher também. A mãe ajuda a plantar feijão na roça, traz água do poço para dentro de casa, traz roupa lavada da beira do rio dentro da bacia. E agora está fazendo bolo enquanto você está aí enrolando seu cigarro de palha

— Você tá querendo o quê? Que eu vá passar roupa? Não faltava mais nada.

— Se você é forte demais e não agüenta, não precisa ir. Não faz mal. (MACHADO, 1988, p. 11-12)

A voz paterna reproduz os papéis familiares tradicionais para homens e mulheres no que se refere às tarefas domiciliares, “coisas de mulher”. Helena, entretanto, usa de ironia em seu discurso para “explicar” a seu Boi de Mamão como funcionam essas posições sociais. Diante das respostas da filha, o pai fica desconsertado e indignado, mas sem argumentos.

Há ainda outros títulos de Ana Maria Machado que enfocam, direta ou indiretamente, a mudança de paradigmas quanto às funções e aos papéis sociais masculinos. Para este estudo, foram selecionadas duas histórias protagonizadas por meninos: *Raul da ferrugem azul*, do início da carreira da escritora e *O príncipe que bocejava*, texto mais recente.

4.2 *Desenferrujando a consciência*

Livro marcante na carreira de Ana Maria Machado, *Raul da ferrugem azul* teve sua primeira publicação em 1979¹⁶, sendo reeditado em 2003 com novo projeto gráfico. Com repercussão nacional, a obra já teve 45 edições esgotadas desde o seu lançamento e, segundo registra o site oficial da escritora, está em fase de adaptação para o cinema¹⁷.

Assim como *Bento que bento é o frade*, a história do menino Raul foi escrita durante a ditadura militar brasileira. A narrativa trata de manifestações de poder relacionadas a atos de

¹⁶ Neste mesmo ano também foi publicado outro livro bastante conhecido de Ana Maria Machado: *História meio ao contrário*.

¹⁷ O site oficial de Ana Maria Machado informa que um filme baseado no livro está sendo dirigido por Gabriel Costa e está em fase de finalização.

violência que acontecem todos os dias subjacentes a pequenas ações ou palavras. No texto, a autora trabalha simbolicamente, através da ferrugem, como a violência do cotidiano pode deixar marcas na personalidade e até no próprio corpo das pessoas. De fato, o foco central do texto recai sobre a apatia das pessoas diante dessas injustiças cotidianas.

Dentre as obras que recebem destaque no livro *Como e por que ler a literatura infantil brasileira* (ZILBERMAN, 2005), figura a aventura de Raul, ao lado de outros títulos de Ana Maria Machado. A referência é feita no mesmo capítulo em que se enquadra *Bisa Bia, bisa Bel* de 1982, quando se trata de personagens femininas que romperam com a tradição de fragilidade e passividade. Tal inclusão se deve, fundamentalmente, à relevância que a personagem Estela possui no desenrolar da narrativa.

O texto se inicia com um questionamento do menino Raul que é a força motriz de toda a narrativa: "— E gente enferruja?" (MACHADO, 1979, p. 8). Tentar entender o significado das manchas que aparecem em seu corpo é o que mobiliza o protagonista. Por trás da busca do significado dessa ferrugem, subjaz uma questão maior: a apatia diante das injustiças. Moldado socialmente para ser um menino bonzinho, não se meter com os outros, não dar resposta malcriada e não desobedecer a ninguém, Raul não tinha iniciativa diante das injustiças que o rodeavam.

Em seus estudos acerca da representação masculina nas sociedades ocidentais, Nolasco (2001) fundamenta, através de um percurso pela história da humanidade, que a violência esteve associada à masculinidade. No caso de Raul, observa-se claramente que ele não é um representante do "homem duro" da classificação de Badinter (1993). O controle da agressividade é tão grande que o comportamento do protagonista revela apatia frente aos abusos dos mais fortes. Isso não significa, entretanto, que não haja revolta e indignação por parte do menino, como registra a passagem a seguir: "Só não sabiam é da raiva dentro dele. Nem das perguntas girando na cabeça" (MACHADO, 1979, p. 10).

Ao longo da história mundial, as mulheres foram mais moldadas em seus corpos e atitudes para não reagirem a um conjunto de estruturas de poder que as coloca em segundo plano. Na história, a falta de iniciativa de Raul contrasta com a personagem Estela, voz que briga e não leva desaforo para casa. Percebe-se, então, uma pequena troca de papéis no que diz respeito à relação de atividade e passividade, geralmente associada ao masculino e ao feminino, respectivamente.

Essa troca é reflexo do dismantelamento da masculinidade tradicional que se manifestou nos comportamentos sociais como recusa de valores tidos como masculinos e idealização dos femininos. Nesse movimento de desvalorização da virilidade, criou-se uma situação, até então, impensada, como enfatizam as palavras de Badinter (1993):

Mas, ironia da história, enquanto as mulheres reclamavam homens mais dóceis, mais gentis e menos agressivos, elas próprias eram encorajadas a ser combatentes e conquistadoras. No exato momento em que se glorificava a nova guerreira, desencorajava-se o homem a continuar sendo um. (p. 149)

Não se pode dizer que Raul seria um representante do “homem mole” de que tratou Badinter (1993), uma vez que esse tipo aparece principalmente em países onde o feminismo foi mais aguerrido. Como no Brasil os movimentos feministas não adotaram posturas muito combativas, pode-se apenas afirmar que o menino nega em seu comportamento os imperativos do supermacho marcados na formação do “homem duro”.

Nas sociedades contemporâneas, as grandes provas de virilidade não fazem mais sentido. Sendo assim, Raul encontra-se em meio a esse processo tentando lidar com a negação dos atributos do supermacho, sem se tornar um indivíduo passivo e apático. Assim como contextualizam historicamente as palavras de Nolasco (2001):

No passado, os códigos masculinos refletiam a necessidade de uma postura agressiva e poderosa em um mundo anárquico e perigoso. Os homens tinham de ser endurecidos para proteger seus dependentes dos animais selvagens, das forças da natureza e de outros homens duros. Isto é, afinal, a base do heroísmo. Atualmente, a maior parte destes perigos está superada pela tecnologia ou pela evolução social, à exceção do perigo imposto por outros homens. (p. 101)

Embora se sentisse incomodado com a própria falta de iniciativa, a educação de Raul moldara-o para isso, nunca desobedecer a ninguém. Diante da pressão que o problema trazia, Raul percebe que não precisa se submeter aos imperativos da masculinidade do “homem duro” de que trata Badinter (1993). Nas sociedades pós-modernas, os imperativos para gerar o supermacho não fazem mais sentido e o menino não precisa resolver tudo sozinho para provar virilidade. Afinal ele mesmo deduz que não é necessário ficar tão sufocado, tendo como ideal o super-herói, um dos ícones do supermacho: “Como é que ficava querendo dar uma de super-homem?” (MACHADO, 1979, p. 16).

De fato, o processo de enferrujamento é o ponto de partida para buscar identidade própria. A conclusão de que seria bom ter ajuda para entender o significado das manchas aconteceu a partir de um jogo de futebol. Esse esporte é considerado, tradicionalmente, como atividade para homens e, segundo Badinter (1993), seria o reflexo “de uma necessidade de romper com uma cultura familiar feminina para poder criar outra, masculina” (p. 93). Apesar de reduplicar a dualidade masculino/feminino, o futebol aparece relacionado a meninos em outros livros de Ana Maria Machado, como *O menino Pedro e seu boi voador* (1979) e *Com prazer e alegria* (1984). Na história de Raul, o futebol é explorado principalmente em seu princípio organizador: trabalho em equipe.

Então, com o propósito de desvendar o mistério das estranhas manchas em seu corpo, o protagonista busca auxílio. Inicialmente, tentou conversar com os pais, depois com o amigo Guilherme, mas ninguém, além dele mesmo, via as manchas. Apesar de a estrutura familiar do menino contar com a presença do pai, Raul se sente mais à vontade com o amigo e, meio sem jeito, tenta conversar sobre o assunto:

- Guilherme, como é que você faz quando não consegue resolver um problema sozinho?
- Sei lá, cara. Às vezes peço uma mãozinha ao meu irmão mais velho. Ele é muito bom em matemática.
- E se não for problema de matemática?
- Ele é bom, também. Como ele sabe muita matemática, ele ajuda a resolver os outros problemas também. Faz as contas certinho, explica tudo

até a gente entender. Se você quer, pega o caderno e vamos comigo até lá em casa, que ele quebra o galho.
 Raul hesitou, mas Guilherme insistia:
 — Pode vir. Ele é mais velho, já aprendeu tudo isso há mais tempo. Ele sabe das coisas... (MACHADO, 1979, p. 16-17)

Apesar de não haver referência explícita à idade do protagonista, parece que a fase em que ele se encontra é a pré-adolescência, principalmente por conta de seus questionamentos pessoais. Sobre essa fase de transição da infância para a adolescência, isto é, para o mundo adulto, Badinter (1993) trata da construção da masculinidade frente às imposições do capitalismo que implicaram um afastamento maior em relação à figura paterna. Afirma a autora que, para preencher a lacuna deixada pelo pai como modelo de identificação masculino para os meninos, se destaca a figura do irmão ou colega mais velho:

Diante da ausência de um pai que seja modelo de virilidade, os jovens machos se unem sob a fêrula de um outro, um pouco mais velho, um pouco mais forte ou um pouco mais desembaraçado, espécie de irmão mais velho, líder que é admirado e copiado, e cuja autoridade é reconhecida. (BADINTER, 1993, p. 93)

Duas personagens femininas têm papel importante no percurso de amadurecimento por que o menino precisa passar, a fim de compreender o enferrujamento: a empregada Tita e a menina Estela.

No capítulo 4 da obra, é apresentada a personagem Tita, empregada doméstica que encarna várias identidades de minoria pela natureza de seu trabalho, sua classe social, além de ser mulher. Na narrativa, a temática do ocultamento do trabalho das domésticas é problematizada rapidamente através dos questionamentos de Raul:

Pelo menos, uma sorte: o pai e a mãe tinham ido jantar fora. Sozinho na mesa da copa, na frente do prato, Raul podia dar toda a sua atenção ao problema. Ainda bem que não tinha ninguém, pensava ele.
 Ninguém, como? E o prato de comida? Apareceu ali por mágica? Pô, que raiva, até ele estava entrando nessa? Muito confuso, começou a bater papo com a empregada. (MACHADO, 1979, p. 24)

Ainda que sem maiores aprofundamentos, aborda-se o desprestígio da atividade de manutenção da casa e da função de maternagem desempenhada por várias empregadas domésticas. Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a gerência da casa e a

educação dos filhos foram afetadas porque tudo estava concentrado na figura feminina. Como não houve um movimento paulatino e significativo de homens assumindo essas atribuições, cresceu a importância das empregadas domésticas que, sendo mulheres, já estavam preparadas para assumir esse papel no lugar da patroa.

Interessante ressaltar que Raul, ainda de forma confusa, toma consciência da relevância das atividades domésticas, que demandam esforço e não acontecem como mágica. Visto como “vocação feminina”, o trabalho doméstico não foi encarado como profissão durante muito tempo. No artigo “Ser mulher, mãe e pobre” (2004), Cláudia Fonseca apresenta o trabalho doméstico como uma opção para muitas mulheres pobres que precisavam de renda e não possuíam nenhuma qualificação profissional. Resgatando pesquisas sobre a população economicamente ativa no Brasil das primeiras décadas do século XX, a pesquisadora constata que nem designa o específica tais atividades desempenhadas por mulheres recebiam: “Sem ser encarado como profissão, seu trabalho em muitos casos nem nome merecia.” (FONSECA, 2004, p. 517). Assim, a manutenção do lar não era vista como um trabalho, mas como uma atividade inerente à “natureza feminina”, um dos motivos de a profissão de doméstica não gozar de prestígio social e ser desempenhada, basicamente, por mulheres.

Subjacente a esse quadro de invisibilidade construída para as atividades domésticas, há um processo de desvaloriza o da mulher. A percepção de Raul quanto a essa situa o prenuncia o olhar diferenciado para a posi o social da mulher que ele desenvolve no decorrer da narrativa. Em meio às considera es sobre a empregada ser considerada um indivíduo, ter uma identidade, Raul se culpa por estar têm “entrando nessa” de desvaloriza o.

Sistematiza M. Foucault, tanto em *Vigiar e Punir* (1975) quanto em *Microfísica do poder* (1979), que o exercício do poder na sociedade não se dá apenas através do Estado e das autoridades formalmente constituídas. A microfísica do poder assume, de maneiras diversas, uma multiplicidade de sentidos, em níveis distintos e variados, muitas vezes sem que a pessoa

se dê conta disso. As próprias palavras do protagonista de *Raul da ferrugem azul* refletem a consciência de estar entrando no jogo de poder e desvalorizando Tita. Essa conscientização faz parte do processo de amadurecimento por que o menino passa durante o percurso narrativo.

A empregada Tita, bem como outras Titas de nomes diferentes que ajudaram na educação de Raul, colaboraram na formação do imaginário do menino através de histórias contadas desde que ele era pequeno. Em algumas obras de Ana Maria Machado, aparecem personagens contadoras de histórias que desempenham importante papel na manutenção da memória cultural daquele grupo social.

A partir desse inventário de narrativas, Raul cria sua própria história em que o Preto Velho mencionado por Tita passa a ser “um velho muito velho e muito sábio que morava sozinho no alto de uma montanha” (MACHADO, 1979, p. 26). Com a mistura do mundo imaginário com a realidade, Raul vira personagem:

— Um dia, um jovem que morava na aldeia ao pé da Montanha Mágica foi atingido por um misterioso encantamento. Ninguém sabia, mas ele era um príncipe e seu sangue azul começou a aparecer na pele, ameaçando revelar a todos o seu segredo. (MACHADO, 1979, p. 26)

A constituição do enredo, descrita no fragmento anterior, era condizente com as histórias tradicionais em que os poderes mágicos iriam ajudar a salvar um príncipe encantado. Sendo assim, o passivo príncipe-Raul precisaria de um elemento mágico, não controlado por ele, para que seu problema fosse resolvido.

Metalingüisticamente, o protagonista-autor dessa história reflete sobre a estrutura do seu próprio texto e reelabora a idéia de príncipe: “Boa sacada essa, continuou pensando Raul. Mas não convencia muito, não. Essa estória de príncipe não tem nada a ver com a gente.” (MACHADO, 1979, p. 27). Sendo assim, Raul não se sente um príncipe tradicional, o que não o impede de continuar a vida e tomar a iniciativa para ir falar com o Preto Velho: “É... Mesmo

sem ser Príncipe Encantado, podia ir bater um papo com o Velho da Montanha.”
(MACHADO, 1979, p. 27)

Com as mudanças processadas desde o século XX, a mulher experimentou a emancipação, uma gradativa autonomia ainda em curso. Para essa nova mulher, o modelo masculino vigente, que teve início no século XIX, já não satisfaz mais. Assim, o ideal feminino de ficar à espera de um príncipe encantado que a salvasse dos perigos a fim de viverem felizes para sempre começa a se desfazer. Daí a crescente desvalorização da figura do príncipe encantado tanto para mulheres quanto para homens.

A outra figura feminina fundamental na busca do menino para resolver o problema do enferrujamento é Estela. Apesar de Raul ser o protagonista, a menina assume o primeiro plano para ajudar na compreensão do processo de enferrujamento por que passa o colega. Ao tratar de Estela e outras personagens femininas de histórias infantis, Zilberman (2005) enfatiza que, mesmo sem atributos mágicos, elas mudam o curso da existência de personagens masculinos. Inseridas na mesma realidade que as personagens masculinas,

elas são insubmissas e ensinam amigos ou companheiros a atuar de maneira diferente, encontrando, assim, alternativas de vida ou comportamento que podem torná-los mais felizes ou, pelo menos, mais conscientes do que acontece em volta de si. (ZILBERMAN, 2005, p. 83)

Dada a importância de Estela, Ana Maria Machado dedicou o capítulo “Uma menina de briga” para descrever o encontro da garota com Raul. O título do capítulo atribui ao substantivo “menina” uma locução adjetiva que remete à ação, pois menina de briga é aquela briguenta, que pratica o ato de brigar. É inegável que a linguagem é uma instância importante de registro das relações de poder. Nesse campo, a força subjetiva de muitos dos adjetivos e equivalentes gramaticais revelam a ideologia dominante, conforme ressalta Bourdieu (2005):

As oposições inscritas na estrutura social dos campos [masculino e feminino] servem de suporte a estruturas cognitivas, taxinômias práticas, muitas vezes registradas em sistemas de adjetivos, que permitem produzir julgamentos éticos, estéticos, cognitivos (p. 124 – acréscimos nossos entre colchetes)

Sendo assim, desde a primeira caracterização, a iniciativa de Estela contrasta com a apatia de Raul. Nesse movimento, estrutura-se uma espécie de inversão dos papéis constituídos socialmente como típicos feminino e masculino. Durante a narrativa, as diferenças de comportamento entre o menino e a menina vão se revelando, aos poucos.

Raul e Estela têm o primeiro contato quando um bando de meninos maiores rouba a pipa de um outro com apenas seis anos. Diante da situação, as reações de Raul e Estela são diferentes: enquanto ele observa, ela protesta. Numa intervenção do narrador, percebe-se que de uma posição atrás de Raul a menina ganha cena, literalmente no grito: “E bem atrás de Raul, uma voz de menina começou a gritar” (MACHADO, 1979, p. 30).

Nota-se que a idéia de ocultamento do feminino, representada na máxima “Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher”, é revista. Inicialmente, Estela encontra-se atrás de Raul, mas desloca-se e ganha uma posição de destaque através de sua voz solitária diante de um grupo de representantes do sexo masculino. Corroborando para esse rompimento da “invisibilidade feminina” a ênfase que a menina ganha, numa narrativa em que o papel de protagonista é masculino, inclusive cedendo nome ao livro.

As primeiras palavras de Estela não são faladas, são gritadas como numa necessidade de se fazer presente, percebida, ouvida: “— Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que Beto é pequenininho para roubar a pipa dele” (MACHADO, 1979, p. 31). Quanto a essa questão de insubmissão dos mais fracos frente a um poder mais forte, Zilberman (2005) propõe uma analogia com a situação política de ditadura vivida pelo Brasil na época da publicação do livro:

Estela prefigura o tipo de personagem que predominará em vários enredos da literatura infantil: ainda que pequena e oriunda das classes populares, ela não se deixa dobrar, manifestando indignação e autonomia quando ameaçada pela força ou pelo poder. Torna-se paradigmática não apenas de uma atitude, mas também de um período, pois, à época, o país tentava libertar-se da ditadura imposta pelo golpe militar de 1964. As pessoas, após 15 anos de repressão, oscilavam entre conformar-se ou declarar rebeldia; Raul representa a passividade inicial; Estela, de sua parte, a importância de soltar a voz e expressar insubmissão. A passagem de Raul, de uma situação para

outra, indica um caminho, a ser perseguido não apenas pelos leitores de literatura infantil, mas também pela sociedade nacional. Por esta razão, Estela simboliza não apenas uma criança que não teme o enfrentamento dos mais fortes, mas o fato de que, mesmo aparentemente fraco — afinal, ela é uma menina pobre —, o ser humano tem condições de mudar o mundo em volta, “desenferrujando” os músculos e encarando a poderosa engrenagem que o oprime. (p. 84)

Na fala da menina, pode-se perceber a idéia de que a dominação se faz de maneira desigual e covarde. Os mais fortes se aproveitam da situação para subjugar os mais fracos. No caso, além de os meninos serem maiores, constituem um grupo de maioria. Esse fenômeno social integra o conceito de violência simbólica criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. No fragmento a seguir, o autor propõe uma definição sobre violência simbólica ligada à estrutura social que ratifica a dominação masculina:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias públicas simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2005, p.8)

Tal violência descreve o processo pelo qual os dominantes impõem sua cultura aos dominados como se essa construção fosse natural. Esse processo é grave na medida que o dominado não se opõe ao seu opressor, por não se perceber como vítima desse processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável e por isso não reage.

Essa falta de reação é o que acomete Raul, mas ele não está alienado em relação às injustiças, só não tem iniciativa para protestar e, por isso, enferruja. Já Estela não só fica indignada com o fato presenciado, como se insurge contra o grupo de meninos: “Mas não vai ficar assim não, estão sabendo? Vocês vão ver só o que eu vou aprontar...” (MACHADO, 1979, p. 31)

A relação de dominação simbólica estrutura-se dentro da organização social e se manifesta nas pequenas coisas, como se todas essas relações de atividade masculina e

passividade feminina fossem “naturais”. A idéia de virilidade amarra o masculino não só a questões de honra como também de agressividade e violência.

Culturalmente, construiu-se uma imagem de falta de ação e iniciativa feminina, por isso as ameaças de Estela não afetam muito os meninos, que manifestam em seu discurso a pouca importância dada àquelas palavras hostis. Então, vem a zombaria e a advertência: “— Fica fora. Em briga de homem mulher não se mete.” (MACHADO, 1979, p. 31).

Acerca da citação anterior, convém destacar dois pontos importantes. O primeiro deles é o emprego de imperativo na fala dos meninos, como reflexo da relação de poder masculino que comanda a mulher. Já o segundo ponto refere-se à expressão “briga de homem” que resgata a idéia de violência física em oposição à dita “fragilidade feminina”, além da demarcação de lugares diferenciados.

Diante da construção social androcêntrica, percebe-se uma divisão de espaços, atribuições e atividades que compõem um sistema de oposições¹⁸ entre homens e mulheres. Esse esquema incorporado pelos indivíduos aplica-se a todas as coisas do mundo e aos próprios corpos em sua realidade biológica. Dessa forma, o espaço público onde ocorrem discussões e brigas não seria considerado território feminino por excelência. Afinal, como ainda afirmam muitos por aí, lugar de mulher é na cozinha, espaço restrito em que pode se tornar até rainha.

Depois da ordem de manter-se afastada de “briga de menino”, Estela reafirma sua voz e poder de escolha através das seguintes respostas: “— Quem escolhe as minhas brigas sou eu.” (MACHADO, 1979, p. 31) e “— Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu.” (MACHADO, 1979, p. 31). Em contraste com toda uma estrutura social que ratifica a relação de dependência feminina em relação ao masculino, a personagem Raul não manifesta voz ou iniciativa, enquanto a menina escolhe as próprias brigas e anuncia seu poder de mandar.

¹⁸ Em *A dominação masculina* (2005), Pierre Bourdieu sistematiza várias dicotomias entre o que é construído como masculino ou feminino no que ele chama de “Esquema sinóptico das oposições pertinentes” (p. 19).

O capítulo seis, “Encontro com o preto velho”, já se inicia com uma intervenção do narrador indicando a perplexidade de Raul diante daquela menina: “Você bem pode imaginar o susto do Raul. Pela primeira vez alguém via a ferrugem dele. E logo uma menina briguenta! Ele perdeu a fala e mal conseguiu responder quando ela perguntou” (MACHADO, 1979, p. 34).

Raul fica sem fala diante não só da percepção da menina em relação à sua ferrugem, mas também por todo aquele processo de enfrentamento. A iniciativa de entremear uma conversa parte de Estela e num tom de questionamento: “— Ô cara, que é que você está olhando aí? Quer alguma coisa?” (MACHADO, 1979, p. 34).

Novamente se constrói um contraste da atitude da menina com a de Raul, que explica sua presença e acrescenta: “Mas não estou querendo atrapalhar...” (MACHADO, 1979, p. 34). Na seqüência, ainda meio espantado com tudo, o protagonista ainda pergunta para Estela: “— Você é sempre briguenta assim?” (MACHADO, 1979, p. 34). O questionamento de Raul deve-se à idéia de brigar para conquistar espaço, como registra Nolasco (2001), estar associada historicamente à masculinidade tradicional.

No Ocidente, a masculinidade não vem facilmente; ela é conquistada através de muito esforço, existindo entre a representação masculina e a violência uma estreita relação, uma vez que brigar é, em última instância, uma forma do sujeito defender sua imagem de homem. (p. 97)

Depois desse diálogo entre as crianças, a menina assume o papel de guia pelo caminho que Raul precisa percorrer para conseguir encontrar o Preto Velho. Nesse percurso, eles foram conversando e subindo. A idéia de subida pode ser entendida metaforicamente como processo de amadurecimento por que está passando Raul. Depois do encontro com o Preto Velho, o protagonista descobre que só ele mesmo pode resolver seu problema de enferrujamento: “Com ajuda, claro. Sabia que tinha sido ajudado. Por Tita, por Estela, pelo Preto Velho. Agora só dependia dele mesmo — era isso que todos estavam lhe dizendo” (MACHADO, 1979, p. 38). Com essa colocação, frisa-se que por intermédio de duas figuras femininas

pobres e um representante da magia foi possível descobrir que a iniciativa contra as injustiças depende de cada um.

Essa intervenção feminina que auxilia no amadurecimento de personagens masculinas também se concretiza em *O mistério da ilha*, publicado em 1984. Pelas semelhanças existentes entre as duas narrativas, cabe uma pequena incursão analítica nesse texto.

Assim como ocorre em *Raul da ferrugem azul*, a narrativa tem personagens masculinas e crianças como protagonistas: Chico (filho do empregado) e Carlos (filho do patrão). Num dia de férias, os garotos empreendem uma viagem de barco e vão parar numa misteriosa ilha chamada Quilomba.

Durante a estada na ilha, o mimado filho do patrão passa por um processo de amadurecimento, simbolicamente representado pela perda, de forma misteriosa, de suas próprias vestes. Para compreender a lição simbolizada por essas perdas, Carlos contou com a ajuda de uma menina chamada Luana e do avô dela. Tanto a garota quanto o avô desempenham papéis muito semelhantes aos de Estela e Preto Velho de *Raul da ferrugem azul*.

Para introduzir Luana na narrativa, assim como ocorre com Estela, dedica-se um capítulo especial, cujo título é “Uma fada africana de Marte”. Essa designação se deve à aparência física da bela menina, comparada a uma princesa africana¹⁹. Cabe a essa garota, que “podia ser uma fada ou uma feiticeira” (MACHADO, 2004, p. 36), conduzir os meninos até o sábio velho, avô dela, e a um aprendizado.

Carlos, assim como Raul, sente-se fragilizado diante da representante do sexo feminino, que de “sexo frágil” não tem nada. Pode-se notar esse desconcerto que o patrão em miniatura (representante também do poder financeiro) vivencia na citação a seguir: “Mas de

¹⁹ A descrição de Luana se assemelha muito à da protagonista de outro livro da mesma escritora chamado *Menina bonita do laço de fita* (1986), em que a beleza negra também é enfatizada.

qualquer jeito, esquisita ou não, Carlos não podia admitir que ninguém risse dele, quanto mais uma menina” (MACHADO, 2004, p. 36).

Depois de encontrar o velho e ouvir a história da ilha, Carlos ainda precisou da intervenção de Luana para enfim compreender o que representavam as perdas. Num convite à reflexão, a irreverência da menina se assemelha às vozes de Nita e Estela, como se pode perceber a seguir: “— Não diga bobagem, Carlos. É só pensar um instante” (MACHADO, 2004, p. 49). Em contrapartida à tanta sabedoria, o protagonista se desconserta e fica admirado: “Como é que ela podia saber disso? Carlos estava intrigado.” (MACHADO, 2004, p. 49).

A constatação final de Raul acerca de Estela e de Carlos em relação a Luana foi equivalente: eram mesmo meninas diferentes. Mas em que medida ambas eram tão diferentes? As duas preocupavam-se, sabiam respostas, protestavam, tinham voz e até gritavam se fosse necessário. O ponto mais importante era que ajudaram nas descobertas dos outros, sugerindo o não conformismo e a reflexão. Enfim, elas eram diferentes porque rompiam com o papel feminino de passividade construído socialmente e, muitas vezes, ratificado pelas questões de gênero.

4.3 *Num reino não muito distante*

Apesar de ter sido editado pela primeira vez em 2004, *O príncipe que bocejava* ainda não está referenciado no site oficial da escritora nem na página da Academia Brasileira de Letras. Essa obra segue uma tendência da pós-modernidade de revisitar formas clássicas e, assim, promove uma releitura contemporânea dos contos de fadas. A revitalização da estrutura básica desses contos não é novidade na obra de Ana Maria Machado, depois da publicação de *História meio ao contrário* (1979), premiada nacional e internacionalmente.

Diferentemente da inversão proposta em *História meio ao contrário*²⁰, a narrativa segue o padrão tradicional e se inicia por “era uma vez”, referência temporal comum em contos de fadas. Conforme explica Coelho (2000), essa expressão introduz o tempo mítico que “corresponde ao tempo imutável, eterno, que se repete sempre igual, sem evolução nem desgaste” (p. 80). Resgatando essa fórmula tradicional, Ana Maria Machado dialoga com a estrutura do conto de fadas clássicos, num movimento intertextual. No desenrolar dos fatos, a idéia de imutabilidade indiciada pela expressão de abertura vai sendo reavaliada.

Antes mesmo de fornecer qualquer contextualização espacial, a personagem protagonista é inserida no texto como “um príncipe muito bem educado, que tinha se preparado a vida toda para ser rei um dia” (MACHADO, 2004, p. 5). Assim como aconteceu com Raul, a educação dada ao príncipe impunha a ele uma série de restrições e proibições. No caso do príncipe, a preparação do futuro governante proibia certas brincadeiras e implementava a disciplina como forma de controle do corpo, conforme indica a passagem a seguir:

Desde pequenino, aprendeu a não brincar de esconder atrás das cortinas do salão do palácio, a não patinar nem andar de *skate* pelos corredores, a não descer pelo corrimão da escadaria. Também lhe ensinaram a se portar à mesa com boas maneiras, a ser gentil com as pessoas, a ficar horas em pé sem se mexer, assistindo quietinho aos desfiles e paradas. (MACHADO, 2004, p. 5)

Em *Vigiar e punir* (1987), Michel Foucault propõe um percurso histórico para elucidar as manifestações de poder sobre o corpo que vai desde as torturas medievais, passando pela nova noção de punição desenvolvida pelo Iluminismo, até alcançar o conceito contemporâneo de disciplina. O filósofo e historiador francês argumenta que, até o final do século XVIII, a punição consistia freqüentemente no espetáculo público da tortura: prisioneiros eram chicoteados ou até mesmo executados em praças públicas.

²⁰ Nessa obra, a história se inicia pelo final tradicional “viveram felizes para sempre” e termina, sem fechar, com “era uma vez...”

Com a Idade Moderna, as antigas formas de punição dirigidas ao corpo deixam de fazer sentido, uma vez que os indivíduos adquiriram a chamada "liberdade individual". A partir de então, o corpo foi reconhecido como sua propriedade e qualquer punição a esse corpo representaria um desrespeito à individualidade. Como reflexo dessa mudança, o corpo passou a ser exposto a novas técnicas que visavam torná-lo “dócil”, isto é, capaz de ser subjugado, usado, transformado e melhorado.

Torna-se necessária, então, uma nova forma de controle do corpo, a disciplina que “fabrica corpos submissos exercitados, corpos 'dóceis'”. (FOUCAULT, 1987, p.127). Esse controle disseminado, característico da disciplina, segundo o historiador, “implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

É sujeito a essa forma de controle disciplinar que se encontra o protagonista desse conto de fadas contemporâneo. Para transformar-se em rei, um dos símbolos do poder patriarcal, foi necessário investir na sujeição do príncipe a um poder disciplinar, montando uma microfísica do poder. Nesse sentido, a incidência do advérbio “não” no primeiro período da citação ratifica a colocação de Badinter (1993) quanto ao aprendizado de ser homem se dar mais no imperativo.

Um dos ícones dos contos de fadas é a figura do destemido príncipe encantado, geralmente montado em um belo cavalo. Conforme destaca Coelho (2000) quando trata das histórias tradicionais, reis, rainhas, príncipes e princesas são categorizados como personagens-tipo, pois correspondem a uma função ou a um estado social facilmente identificável pelos leitores. Na literatura popular e infantil, essa categoria de personagem é a mais encontrada e ativa expectativas por parte dos leitores. “São personagens estereotipadas: não mudam nunca em suas ações ou reações” (COELHO, 2000, p. 75).

No capítulo “A literatura infantil/juvenil brasileira do século XX”, Coelho (2000) problematiza a caracterização dessas personagens na contemporaneidade: “As personagens-tipo reaparecem (reis, rainhas, princesas, fadas, bruxas, profissionais de várias áreas, funcionários...), mas geralmente através de uma perspectiva satírica e crítica” (p. 152). É exatamente nessa linha que Ana Maria Machado, a partir do “era uma vez”, des(re)constrói essa figura tradicional de príncipe ao longo da narrativa.

Logo na primeira página da história, tematiza-se a educação do príncipe voltada para a preparação de um futuro rei. Dessa forma, pode-se entender que não se nasce rei, torna-se rei através de uma construção que passa pelo processo educacional. Na história, não se fala em escola, porque era comum aos nobres dedicar a formação de seus filhos a professores particulares que pudessem preparar um futuro regente. Com pesquisas dedicadas às relações de gênero com educação, Louro (2003) indica o processo ensino-aprendizagem como ferramenta de enorme potencial formador de ideologias que, muitas vezes, serve para manter a microfísica do poder, proposta por Foucault.

Conquanto não haja referência ao fato de o príncipe frequentar nenhuma escola, o menino recebeu formação específica como preparação para um futuro reinado. Interessante notar a preocupação de Ana Maria Machado em discriminar, através de uma enumeração, os ensinamentos repassados para o príncipe:

Teve professores de dança e de ginástica, de equitação e de golfe. Aulas de economia e de política, de direito e de línguas. Aprendeu toda a história de seu país e toda a geografia do mundo. (...) Seus computadores tinham sempre os programas de última geração. (MACHADO, 2004, p. 5)

Percebe-se que a instrução dada ao príncipe tende para esportes e áreas de atuação considerados tradicionalmente como sendo de foro masculino. A predominância de atividades mais ligadas à ação e aos estudos da matemática, baseados na racionalidade, reduplicam o dualismo sexual quanto a áreas de interesse, segundo registra Bourdieu (2005):

É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo *inclinados* e *aptos* a entrar

nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência etc. A educação primária estimula desigualmente meninos e meninas a se engajarem nesses jogos e favorece mais nos meninos as diferentes formas da *libido dominandi*, que pode encontrar expressões sublimadas nas formas mais “puras” da libido social, como a *libido sciendi*. (p. 71, grifos do autor)

Assim a narrativa revela toda uma preparação do menino para o que é ser rei, importante símbolo do poder exercido por uma figura masculina. Para se inserir no espaço público, construído socialmente como lugar próprio do masculino, é necessário conhecimento de economia para ser um bom provedor, de política para governar com seu poder “natural”, de direito a fim de garantir a manutenção de seus “direitos naturais” dentro da sociedade e de línguas para fazer valer a própria voz diante dos silenciados.

A esse respeito, Louro (1997) enfatiza que “a seleção dos conhecimentos é reveladora das divisões sociais e da legitimação de alguns grupos em detrimento de outros” (p. 85). Atividades como equitação e golfe estão mais ligadas a movimento e ação, por isso foram consideradas inadequadas diante da “fragilidade” feminina.

O percurso histórico das sociedades ocidentais construiu a idéia de que as decisões importantes para a sobrevivência do grupo deveriam ser tomadas por homens. Portanto, assuntos ligados principalmente a política e economia foram associados ao masculino, o que se revela na pouca expressividade percentual de mulheres nessas áreas. Para finalizar, os conhecimentos de tecnologia, como é o caso da informática, representariam outro espaço tipicamente masculino por envolver lógica e matemática, fenômeno que ainda influencia a escolha de carreira nas universidades: áreas tecnológicas e administrativas para homens e áreas humanas e de saúde para mulheres.

O título dado ao livro já representa o protagonista da história pelo substantivo príncipe, restringido por uma oração de valor adjetivo que o caracteriza: “que bocejava”. Quando a princesa é introduzida na história, ela também recebe uma oração adjetiva que a caracteriza, “que lia”. No artigo “O texto de Ana Maria Machado: os teares estéticos do

adjetivo” (GREGÓRIO, 2004), destaca-se a intencionalidade dessa classe gramatical e como a autora engendra idéias em palavras:

A utilização estética do adjetivo e suas representações é de tal forma explorada que, indiscutivelmente, constitui-se em meio expressivo revelador da maneira de a autora ver e conceber a realidade, delineando a sua cosmovisão. Essa classe é uma das que mais sinalizam o lado afetivo da comunicação, pois toda qualidade manifestada envolve uma atitude valorativa, propiciando-nos perceber que acoplada à linguagem intelectual há linguagem expressiva. Desse modo, fundem-se forma, conteúdo e visão de mundo. (p. 156)

A partir dessa colocação, pode-se perceber que a caracterização adjetiva dada às duas personagens centrais da história em exame revela como Ana Maria Machado (re)desenha posicionamentos masculinos e femininos.

A proposta de atrelar à imagem do príncipe o ato de bocejar intensifica a idéia de enfado e desinteresse por parte dele. Convém lembrar que os bocejos aconteciam diante das pretendentes à posição de esposa do príncipe logo que elas começavam a falar. Assim, a narrativa mostra que o elemento masculino não deseja mais mulheres com quem não se pudesse compartilhar, conversar, enfim, dividir a vida. Tanto é assim que no final da história, já em companhia da Princesa que Lia, o protagonista recebe nova designação: “Príncipe que Não Bocejava Mais”.

Quanto à caracterização da princesa, observa-se o ato de ler como seu elemento marcante, um verdadeiro diferencial em relação às demais moças. Em contraste com as várias pretendentes do príncipe, a princesa, por suas leituras, consegue entremear uma infundável conversa com o novo companheiro de viagem. Nesse intercâmbio de experiências de leitura, a posição dos dois protagonistas é de igualdade.

Bourdieu (2005), ao tratar da construção social da dominação masculina, estabelece uma relação entre a nobreza e o sexo masculino: “Realmente, não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza.” (p. 75). Nessa perspectiva, o sociólogo problematiza as questões de gênero que funcionam como diferencial até para homens e mulheres que

desempenham a mesma profissão, como por exemplo costureiro e costureira ou cozinheiro e cozinheira.

Na narrativa de Ana Maria Machado, o príncipe é apresentado como nobre, sem que haja referência a qualquer membro da família ou estirpe. O questionamento se instaura, entretanto, quanto à existência de príncipes encantados:

Quando cresceu, ficou um rapaz encantador. Podia ser considerado um verdadeiro príncipe encantado — para quem ainda acredita nessas coisas. Todas as moças suspiravam por ele, sonhavam com ele, recortavam suas fotos que saíam nas revistas. (MACHADO, 2004, p. 6)

O jogo de palavras entre “encantado” e “encantador” também foi um recurso explorado em *História meio ao contrário*: “Não era um Príncipe Encantado, mas a Pastora, que o tinha visto, afirmava que era um Príncipe Encantador” (MACHADO, 1982b, p. 24). O trocadilho não encerra apenas uma mudança de sufixos parecidos, mas da carga semântica que tais elementos mórficos encerram. A forma *encantado*, particípio do verbo *encantar*, encerra a idéia de passividade e está sendo empregada com valor adjetivo. O sufixo –dor integrante de *encantador* encerra a idéia de agente, de ação.

Pode-se, assim, entender que não há mais espaço para um representante masculino que simplesmente segue os padrões de forma passiva, sem questionamentos. Na história em análise, acontece exatamente um rompimento com o que era esperado de um comportamento de príncipe tradicional. Dessa forma, confirma-se o indicativo semântico de ação embutido no sufixo –dor.

A origem da nobreza da princesa não vem de berço e precisou ser conquistada. A moça fez jus a esse título, sendo vice-campeã do concurso para Rainha da Uva na Festa da Colheita. Dessa maneira, a “nobreza” da moça foi alcançada mais por seus atributos físicos, pois é comum nesse tipo de competição que se escolha a candidata mais bonita ou simpática das concorrentes.

Esse quadro reflete uma problemática maior já ressaltada por Bourdieu (2005), a construção social androcêntrica dispensa do elemento masculino qualquer justificativa, pois o homem é o parâmetro. Para as mulheres, o posicionamento social é conquistado e, muitas vezes, muitas não gozam da mesma reputação que os representantes do sexo masculino têm.

Ana Maria Machado coloca em xeque, no próprio texto, a possibilidade de realmente existir príncipe encantado, pelo menos nos padrões clássicos. Em tempos pós-modernos, pertencer a uma família tradicional ou possuir título de nobreza não garante tanta projeção social. Em meio à sociedade do espetáculo, é importante ser assunto para a mídia e participar desse universo hiper-real, como acontece com a vida privada do príncipe que tem suas fotos publicadas nas revistas.

Apesar de serem outros os referenciais, a posição social de príncipe obriga o protagonista a constituir um casamento enquanto decisão política. Para isso, foi promovido “um grande baile, daqueles de escolher noiva” (MACHADO, 2004, p. 6). Tal evento, como um ritual de passagem, representa simbolicamente a transição para a idade adulta e, conseqüente, reconhecimento na sociedade. A expressão caracterizadora atribuída ao baile confirma a idéia de que, tradicionalmente, caberia ao homem o poder de escolha de sua parceira. Diante dessa situação, o príncipe não se mostra indiferente e participa de dois bailes com o intuito de encontrar uma futura rainha.

É comum, quando se trata de baile em contos de fadas, vir à memória a história da Cinderela compilada tanto por Charles Perrault, como pelos Irmãos Grimm. Nesse conto de fadas e em outros, o baile é o momento em que as debutantes se apresentam socialmente como em idade de casar, para viver o “felizes para sempre”. Em *O príncipe que bocejava*, quem participa do *debut* é o rapaz, opção narrativa que novamente rompe com as expectativas dos leitores despertadas no início através do “era uma vez”.

Durante o processo de escolha de uma noiva para o príncipe, destaca-se a figura do pai da pretendente. Os conhecidos arranjos de casamento em que a mulher passava do dominador pai para um novo responsável por ela, o marido, retratam uma época não muito distante da história ocidental.

Metaforizada através dos bocejos do príncipe, a história apresenta uma mudança de expectativa masculina diante da escolha de uma noiva. No segundo baile organizado para o príncipe escolher sua futura esposa, a beleza das candidatas é destacada: “Como algumas princesas não quiseram vir, também foram convidadas várias atrizes, cantoras e modelos. Cada moça mais linda que a outra.” (MACHADO, 2004, p. 9) Embora o príncipe tenha ficado entusiasmado e encontrado com algumas para conhecer melhor, no momento da conversa chegavam os bocejos.

Por conta dessas manifestações de enfado e desinteresse diante das melhores candidatas, a conclusão registrada no texto resgata a idéia de pressão social sobre o masculino: “Só podia estar doente. Talvez com a doença do sono.” (MACHADO, 2004, p. 11). Na construção textual, usa-se o advérbio de condição “só”, o que revela uma espécie de obrigação em relação à figura masculina. Com mulheres tão bonitas à disposição, o príncipe deveria ter algum problema para não escolher nenhuma. Pode-se entender, a partir dessa construção, uma certa imposição social de que o homem precisa ser um conquistador e não pode desprezar uma oportunidade. Nessa medida, exige-se do homem um posicionamento agressivo numa relação afetiva, condizente com a idéia de virilidade física de que tratou Bourdieu (2005, p. 20-21). Na narrativa em exame, não foi questionado o fato de o príncipe poder não gostar de nenhuma pretendente ou querer algo além da beleza.

O principal motivo do desinteresse do príncipe pelas candidatas é o chamado “papo de mulher”, como revela a passagem a seguir:

É que nem podia ouvir falar em princesa que se lembrava das conversas que tinha ouvido. De todas aquelas moças falando de roupas e do cabeleireiro e do namorado de uma amiga e da irmã da vizinha e do último lançamento da boutique e do regime que a prima da cunhada tinha feito e da festa do duque e do número de calorias do empadão e do chapéu novo da marquesa e do chapéu velho da baronesa e do corte de cabelo esquisito da condessa e da... (MACHADO, 2004, p. 11)

Excluídas por muitos séculos das esferas públicas, as mulheres ficaram mais restritas a questões domésticas e familiares. Como os homens não se integravam muito nesses assuntos para não ferirem sua masculinidade, foram-se delineando áreas de conhecimentos diferentes.

Estando, assim, socialmente levadas a tratar de si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura (...) (BOURDIEU, 2005, p. 119)

Submetidas a uma formação de corpos controlados e à mercê das imposições sociais de beleza, as representantes do sexo feminino se viram “na obrigação” de empreender esforços para entender desses assuntos. Pode-se, então, concluir que o chamado “papo de mulher” é uma das muitas manifestações da chamada violência simbólica, elemento perpetuador da visão social androcêntrica.

Por muito tempo homens e mulheres conviveram com esse afastamento de áreas de interesse e conseqüente afastamento em relação às conversas ditas de homem e de mulher. Assim, parecia “natural” que mulheres fossem fúteis e afeitas a fofocas, enquanto os homens assumissem a posição de decisão. Na narrativa, o príncipe não se submete a esse jogo de ser obrigado a estar com uma moça que não tivesse nada de interessante a compartilhar. A solução encontrada pelos médicos do reino foi a de o príncipe iniciar uma viagem.

Esse deslocamento, na estrutura das histórias infantis tradicionais, representa o percurso de amadurecimento que o herói empreende sozinho, sem ajuda familiar, geralmente em um lugar desconhecido. Simbolicamente, a viagem favorecerá a relação de autonomia do representante do sexo masculino que, depois da empreitada, poderá ser o chefe responsável por uma família.

Ao empreender a viagem, o príncipe resolve se disfarçar e fica parecendo alguém que vai a um festival de *rock*: “Cortou e pintou o cabelo, pôs brinco e óculos escuros, se vestiu de um jeito bem moderno, botou uma mochila nas costas.” (MACHADO, 2004, p. 12-13). Atitudes como pintar cabelos e usar brinco já foram consideradas como afeitas ao sexo feminino, mas na contemporaneidade estão em processo de mudança. Recentemente, ganhou projeção social a figura do metrossexual²¹ que condiz com a hipervalorização do indivíduo trazida pelas perspectivas pós-modernas. Em torno dessa nova categoria, criou-se uma imagem equivocada de que o metrossexual é um homem homossexual. Em entrevista à revista *Veja*, o escritor inglês Mark Simpson, criador do termo, trata do assunto:

Veja – Por que não se fala em mulheres metrossexuais, já que o egocentrismo e o narcisismo não são características exclusivas dos homens? A metrossexualidade é apenas masculina?

Simpson – Não. E eu já falei sobre isso no meu artigo para a *Salon*, mas ninguém deu importância. O narcisismo feminino que se manifesta por meio do cuidado com a aparência não chama atenção. Essa é uma das razões pelas quais o termo metrossexual não foi aplicado às mulheres. Entretanto, há muitas que se encaixam nesse perfil. As mulheres no seriado *Sex and the City* são, em sua maioria, solteiras, vivem com estilo e escolheram a si mesmas como seu objeto de amor e desejo, embora aparentemente estejam à procura de um homem. Elas são metrossexuais. Eu arrisco dizer que a crescente auto-suficiência das mulheres tem estimulado o avanço da metrossexualidade masculina. Atualmente, muitos homens se vêem obrigados a cuidar de si próprios, pois já não contam com uma coadjuvante feminina sempre pronta para atender a suas necessidades. A metrossexualidade faz, finalmente, com que o homem seja menos dependente da mulher, da família, embora mais dependente das revistas de beleza. (SIMPSON, 2004, s. p.)

Diante da preocupação com a imagem pessoal, o narcisismo pós-moderno atinge homens e mulheres, desfazendo construções de gênero que associam preocupações com beleza e estética como inerentes ao universo feminino.

Com certeza, o príncipe não se tornou metrossexual, mas empreendeu mudanças no visual através de recursos que foram construídos como femininos. Pode-se perceber nessa

²¹ Termo criado em 1994 num artigo escrito para o jornal britânico *The Independent* e resgatado em 2002 pela revista eletrônica americana *Salon*. Desde então, ganhou projeção na mídia com adeptos famosos como o jogador de futebol David Beckham e o ator Brad Pitt.

caracterização física do rapaz uma outra proposta de atualização das histórias tradicionais. Era comum a nobreza se disfarçar para não ser alvo de pessoas interessadas apenas em suas riquezas. Assim seria possível descobrir os problemas sociais, fazer novas amizades e até mesmo encontrar um amor verdadeiro.

Depois de viajar de moto, um índice de modernidade, velocidade e rebeldia, o príncipe resolve trocar de meio de transporte: “Primeiro, saiu de moto pelas estradas. Viu uma porção de lugares bonitos, sentindo o vento e curtindo a liberdade. Depois, quando cansou de estar sozinho, resolveu viajar de trem” (MACHADO, 2004, p. 13). Na dimensão simbólica, trem está associado com evolução e crescimento, que são aspirações do príncipe. É justamente no trem que os protagonistas se encontram, ambos no mesmo movimento de viagem e conquista de autonomia.

Embora a narrativa aponte várias quebras de paradigmas associados às masculinidades, no momento da aproximação do príncipe com a princesa, ela está na posição de passividade. O empreendimento da conquista cabe ao rapaz que, mesmo sem querer atraparlar a leitura da moça, investe para começar uma conversa.

Interessante notar que, mesmo viajando sozinha, a princesa não se assusta ou se mostra arredia à investida do príncipe. Dessa forma, ele não enfrenta a rejeição feminina e a aproximação se faz sem maiores problemas. É, por intermédio da leitura que se realiza o primeiro contato que acaba despertando interesse por parte do rapaz. Cumpre notar também que os questionamentos do príncipe acerca da incomum liberdade daquela moça só se manifestam quando ele já se encontra interessado por ela.

Mas um dia começou a pensar: “Que mistério era aquele? Como é que aquela moça podia ir para onde quisesse, daquele jeito? Não tinha família? Não morava em lugar nenhum? De onde vinha? Para onde ia?” Resolveu perguntar. (MACHADO, 2004, p. 19)

Por um bom tempo, eles empreenderam uma viagem juntos sem que houvesse estranhamento da parte dele ou medo dela em relação à aproximação de um rapaz

desconhecido. Ainda que tenha ocorrido uma espécie de modernização do príncipe, os questionamentos dele reforçam as noções de gênero e anunciam um desconcerto diante de tanta liberdade e autonomia daquela moça.

As perguntas do protagonista tratam de relação de poder, pois ainda é incomum mulheres viajando sozinhas, sem proteção ou controle de representantes do sexo masculino. Outro ponto interessante é a relação com a família, pois essa representante do sexo feminino não está mais enredada nos laços de familiares. É o príncipe que se preocupa com a questão familiar, enquanto a moça não fala a respeito disso em momento algum no texto. A relação de pertencimento e o destino são preocupações também por parte do rapaz.

Diante da pergunta do príncipe, a moça responde que está longe de casa e explica sua viagem: “— Só estou podendo viajar porque ganhei um prêmio. O segundo lugar num concurso.” (MACHADO, 2004, p. 19). Percebe-se a relação de a mulher estar em segundo lugar e se contentar com isso. Para a princesa, foi necessário viajar de trem (evolução), além do acesso ao conhecimento através dos livros. Como a princesa não aparece como detentora de dinheiro, ela recebe o prêmio e utiliza-o pelo tempo de validade do bilhete: 6 meses. Nesse movimento, o príncipe faz sua vida em função do planejamento da moça, numa atitude inversa ao que muitas vezes acontece: mulheres mudando seus planos pessoais por causa da vida dos companheiros.

A grande revelação de que o rapaz era um príncipe teve seu impacto minimizado na narrativa e a princesa se coloca em igual patamar quando revela ser Princesa da Uva na Festa da Colheita. Ainda que a “nobreza” de ambos seja diferente, não se percebe uma grande realização pessoal pelo fato de ela estar com um príncipe.

O final apresenta uma releitura do “e foram felizes para sempre” através da intervenção da voz narradora que assume a primeira pessoa do singular: “Não sei se viveram felizes para sempre. Mas por muitos e muitos anos, até onde a memória alcança, tiveram

assunto para conversar e se divertir.” (MACHADO, 2004, p. 20). Esse desfecho alude não somente a uma nova forma de terminar os contos tradicionais, mas repensa a idéia de príncipe encantado e de casamento.

Como as mulheres passam por um processo de libertação do poder econômico masculino no casamento, esperar por um príncipe encantado também merece revisão. A força de trabalho remunerada para as mulheres abalou a legitimidade da dominação masculina enquanto provedor da família. Dessa forma, não é fundamental na vida de uma mulher encontrar um excelente provedor para reger sua vida e de sua família. Muitos são os lares em que a sustentabilidade é garantida exclusivamente pela força de trabalho feminina.

Nessa nova configuração social, intimamente influenciada pelos referenciais de trabalho, homens e mulheres criam novas expectativas em relação a um relacionamento pessoal. A espera pelo príncipe encantado ou a busca de uma princesa indefesa perdem espaço para a figura do/a companheiro/a. Os novos paradigmas sociais exigem dos casais maior participação em várias instâncias como a questão financeira, a educação dos filhos e os afazeres domésticos.

Por conta das sucessivas mudanças sociais e dos ajustes das posições de homens e mulheres nessa nova situação, a idéia de tempo prolongado para um relacionamento revela dois problemas. Um deles é a mudança de perspectiva do tempo que é visto como acelerado demais, não sendo condizente com a imutabilidade do “para sempre”. Outro ponto importante é que o casamento não está mais atrelado a uma cobrança social de indissolubilidade.

Na pós-modernidade nada é imutável, está tudo em movimento constante de transformação, inclusive as relações afetivas e o casamento. Desde a década de 60, os valores que estruturavam a sociedade ocidental passaram a ser questionados, gerando uma crise de identidade nos sujeitos. O polonês Zygmunt Bauman, um dos mais prestigiados estudiosos do mundo pós-moderno, trata da fluidez das relações humanas no livro *Amor líquido* de 2004.

Segundo o sociólogo, o longo processo de desaprendizado do amor, na líquida sociedade pós-moderna, relaciona-se à vivência e formas de relacionar-se que obedecem aos princípios do consumismo. Um dos pressupostos do capitalismo se baseia na compra de bens, mas não com o objetivo de acumulá-los e, sim, de usá-los e descartá-los, freneticamente. Assim, o *homo consumens* vê o seu próximo como um objeto de consumo, inclusive os seus próprios parceiros, transformados em objetos de consumo emocional.

Com olhar crítico quanto à paisagem humana da “modernidade líquida”, Bauman constata que o desaprendizado do amor ultrapassa o plano das relações afetivas e familiares para atingir a sociedade. Esse quadro de relações humanas mercantilizadas e de liquefação dos laços sociais gera altos níveis de insegurança nos indivíduos, um “mal-estar da pós-modernidade”.

Mergulhado nessas mudanças, o casamento também passa por reajustes e não representa mais um ideal de segurança. Como afirma o sociólogo, “relacionamentos são investimentos como quaisquer outros” (BAUMAN, 2004, p. 29), por isso as promessas de compromisso a longo prazo mostram-se sem sentido. Dessa forma, não se pode mais pensar em “felizes para sempre”, até porque o “sempre” parece não resistir aos constantes processos de mudança do mundo contemporâneo. Sendo assim, a voz narradora de *O príncipe que bocejava* não poderia afirmar que foram felizes para sempre, uma vez que não faz mais sentido tal posição.

Ainda que sejam perceptíveis mudanças no comportamento do príncipe, protagonista da história, alguns padrões de comportamento masculino reduplicam a estrutura patriarcal. Mesmo assim, há indícios de reavaliação dos paradigmas de papéis femininos e masculinos dentro da sociedade. O espanto do rapaz diante da liberdade que a princesa tem, sobretudo em relação aos laços familiares, revela que os representantes do sexo masculino ainda se desconsertam frente a essas mudanças.